

Distocias não usuais em porcas: relato de dois casos

Unusual dystocia in sows: report of two cases

Ariella de Oliveira **Azevedo** , Rodrigo de Souza **Amaral*** 

Laboratório de Morfofisiologia e Reprodução Animal (LaMoRA), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), Campus Manaus Zona Leste (CMZL), Manaus-AM, Brasil.

*Autor para correspondência: rodrigo.amaral@ifam.edu.br

Informações do artigo

Palavras-chave

Suinocultura
Obstetria
Persistência himenal
Inércia uterina
Reprodução

DOI

10.26605/medvet-v19n4-7556

Citação

Azevedo, A. O., & Amaral, R. S. (2025). Distocias não usuais em porcas: relato de dois casos. *Medicina Veterinária*, 19(4), 367-372.
<https://doi.org/10.26605/medvet-v19n4-7556>

Recebido: 20 de janeiro de 2025

Aceito: 10 de setembro de 2025



Resumo

Apesar da baixa ocorrência de distocia em suínos, esta geralmente está relacionada à estática fetal ou à atonia uterina secundária. Este trabalho relata dois casos não usuais de distocias em suínos. O primeiro caso relata a ocorrência de uma distocia relacionada à persistência de membrana himenal, apresentando sua resolução e posterior sucesso no transcorrer do parto. O segundo caso relata a ocorrência de uma distocia relacionada à inércia uterina primária em fêmea não-toxêmica, apresentando seu desenvolvimento e tratamento farmacológico, com a preservação da integridade materna. Os dois casos demonstram possibilidades de manejo obstétrico em suínos em situações passíveis de ocorrer em suinocultura de modelo extensivo ou semiextensivo praticado por pequenos produtores.

Abstract

Although the occurrence of dystocia in swine is generally low, it is usually associated with fetal static presentation or secondary uterine atony. This manuscript presents two unusual cases of dystocia in pigs. The first case describes a dystocia associated with persistent hymenal membrane, detailing its resolution and subsequent success during the delivery process. The second case reports a dystocia caused by primary uterine inertia in a non-toxic female, outlining its progression and pharmacological treatment while preserving maternal integrity. Both cases illustrate potential obstetric management approaches in sows under conditions that may occur in extensive or semi-extensive production systems practiced by small producers.

Keywords: swine farming; obstetrics; persistent hymenal membrane; uterine inertia; reproduction.

1 | Introdução

Em suínos, considera-se distocia quando há atraso ou dificuldade na progressão do parto, com intervalos superiores a 60 minutos entre o nascimento dos leitões, ausência de contrações ou contrações uterinas insuficientes (hipotonia uterina) ou mesmo quando o tempo de expulsão do primeiro leitão ultrapassa 2 horas após o início do trabalho de parto. Na espécie, a taxa de distocia é baixa (aproximadamente 1%) com maior incidência em

marrãs e porcas de idade avançada, estando principalmente relacionada a má disposição fetal e a inércia uterina secundária (Jackson, 2004; Peltoniemi et al., 2019). Possivelmente esta baixa taxa de incidência está relacionada com a grande pressão de seleção reprodutiva na suinocultura industrial (Knox, 2025).

Assim, complicações obstétricas são pouco relatadas e quando casos de distocia são identificados, em sua maioria são resolvidas com tração manual ou aplicação de ocitocina (Straw et al., 2000; Jackson, 2004; Mellagi et al., 2007; Wentz et al.,

2009; Peltoniemi et al., 2019). Por outro lado, o risco de distocias e de complicações obstétricas aumenta quando se trata de criação de suínos em sistemas extensivos ou semiextensivos, onde há uma baixa pressão de seleção e maiores riscos de endogamia (Silva Filha et al., 2011; Rocha et al., 2023; Santos et al., 2020). É importante destacar que o tempo gestacional médio das porcas é de aproximadamente 114 dias e gestações que ultrapassam esse período devem ser cuidadosamente monitoradas devido ao risco de distocias.

Dessa forma, o presente trabalho relata dois casos de distocias não usuais em porcas ocorridos em uma criação de suínos em sistema semiextensivo, sendo o primeiro um caso de persistência de membrana himenal e o segundo de inércia uterina primária em fêmea não toxêmica, incluindo os procedimentos obstétricos adotados para resolução dos casos.

2 | Descrição dos Casos

Caso 1: Distocia relacionada a persistência de membrana himenal

Uma marrã mestiça pertencente ao rebanho do Instituto Federal do Amazonas - IFAM, campus Manaus Zona Leste (CMZL), foi atendida apresentando dificuldade de parto. A fêmea possuía menos de um ano de idade e foi coberta por monta natural controlada, sendo esta a sua primeira gestação. Conforme o relato dos tratadores do setor, a fêmea apresentou os primeiros sinais de parto (contrações abdominais, secreção vulvar e ejeção de leite) às 03:00h da manhã e até as 08:30h o trabalho de parto não havia evoluído para a expulsão dos leitões.

Ao exame, a fêmea apresentava-se taquipneica, com contrações e demonstrando desconforto. Na palpação vaginal foi observada a existência de membrana himenal, apresentando-se como uma faixa estreita de tecido no canal vaginal na forma de um septo fixado transversalmente no sentido dorsoventral, mas com as laterais livres e sem pulsação à palpação, a qual bloqueava a livre passagem pelo canal. Havia ainda a presença de um feto insinuado no canal vaginal, o que estabeleceu o diagnóstico de distocia relacionada a persistência de membrana himenal.

Como tratamento, foi realizada a retropulsão do feto insinuado e posteriormente o hímen foi

delimitado com os dedos e seccionado com uma tesoura de pontas rombas. Com o procedimento foi observado um sangramento de pequena intensidade, porém sem continuidade. Após o procedimento, o primeiro feto foi tracionado em apresentação anterior, posição vertebrossacra, cabeça estendida e membros anteriores flexionados, e posteriormente reanimado. O parto transcorreu sem outras complicações, finalizando duas horas após com o nascimento de 10 filhotes no total, todos vivos (Figura 1). Nenhum fármaco foi aplicado na fêmea de forma profilática ou terapêutica. Não foram observadas outras complicações decorrentes da afecção e dos procedimentos adotados durante o período de puerpério do animal.

Caso 2: Distocia relacionada a inércia uterina primária em fêmea não-toxêmica

Uma porca mestiça (Landrace X Large White X Piétrain) adulta plurípara pertencente ao rebanho do IFAM/CMZL foi submetida à monta natural controlada e posteriormente a gestação confirmada por ultrassonografia aos 28 dias após a cobertura.

Aos 113 dias após cobertura, às 13h o parto foi induzido, no intuito de facilitar o monitoramento e assistência, com 175µg de cloprostenol sódico (Sincrocio®, Ourofino, Cravinhos/SP, Brasil) aplicado na submucosa vulvar. No dia seguinte, às 16:00hs a porca apresentou os primeiros sinais de parto (contrações abdominais, secreção vulvar e ejeção de leite), porém até as 18:40hs o trabalho de parto não tinha evoluído para a expulsão dos leitões.

Ao examinar a fêmea, foi observado um quadro de inércia uterina primária com fêmea não-toxêmica e a insinuação de um feto no canal de parto em apresentação posterior, posição lombossacra e membros posteriores estendidos. O feto foi tracionado e posteriormente reanimado, apresentando bons índices de vitalidade neonatal após o parto. Após 30 minutos do primeiro nascimento, a condição de inércia uterina se manteve, sendo então feita a primeira aplicação de ocitocina (10UI, IM; Ocitocina Forte UCB®, UCBVET, Jaboatão/SP, Brasil). O animal foi palpado via transvaginal, porém não foram identificados fetos insinuados. Na avaliação ultrassonográfica foi notada a presença de pelo menos mais um feto, sendo este apresentando bradicardia (frequência cardíaca ~100bpm) sugerindo um quadro de sofrimento fetal. No decorrer do manejo foram feitas mais quatro aplicações de ocitocina, em doses

crescentes (até 40UI), em intervalos de aproximadamente 60 minutos. Antes de cada aplicação, a fêmea foi avaliada por ultrassonografia e

por palpação transvaginal. Durante os procedimentos não foram observados mais batimentos cardíacos no feto.



Figura 1. Marrã no pós-parto após a resolução da distocia relacionada à persistência de membrana himenal.

Levando em consideração os fatores envolvidos (horário, ambiente do animal e acesso a medicamentos), o animal foi mantido sob monitoramento durante a madrugada para ser avaliado posteriormente. Na manhã seguinte, a fêmea encontrava-se deitada, com temperatura retal de 39,9°C (acima da faixa de normalidade para a espécie: 38,2-39,3°C) e apresentando um quadro sugestivo de metrite. Durante a palpação transvaginal, observou-se uma secreção amarronzada de odor pútrido (Figura 2A), e na ultrassonografia foi visto que o feto havia realizado uma migração crânio-ventral pelo útero, mas ainda não era possível tracionar manualmente. Foi aplicado antibiótico com anti-inflamatório associado (benzilpenicilina e estreptomicina + piroxicam, 1mL/10kg, IM; Pencivet Plus PPU®, MSD Saúde Animal, Cruzeiro/SP, Brasil) e a região vulvar foi limpa

e aplicado agente repelente e larvicida (Bactrovet prata AM®, König, Mairinque/SP, Brasil). O leitão nascido na noite anterior estava alerta e em boas condições físicas, sendo então separado da mãe e alimentado com leite de vaca via aleitamento artificial com o auxílio de uma mamadeira.

A fêmea foi monitorada diariamente e foi disponibilizado ração e água a vontade. Três dias após o parto, a fêmea expulsou um feto enfisematoso, e já se encontrava em estação, reativa e se alimentando, sendo observado restos de envoltórios fetais pendurados na rima vulvar (Figura 2B), os quais foram cortados para reduzir a presença de moscas e feito a higienização da região vulvar. No dia seguinte mais dois fetos enfisematosos foram expulsos. A fêmea continuava ativa, porém ainda apresentava secreção no lúmen uterino na avaliação ultrassonográfica.

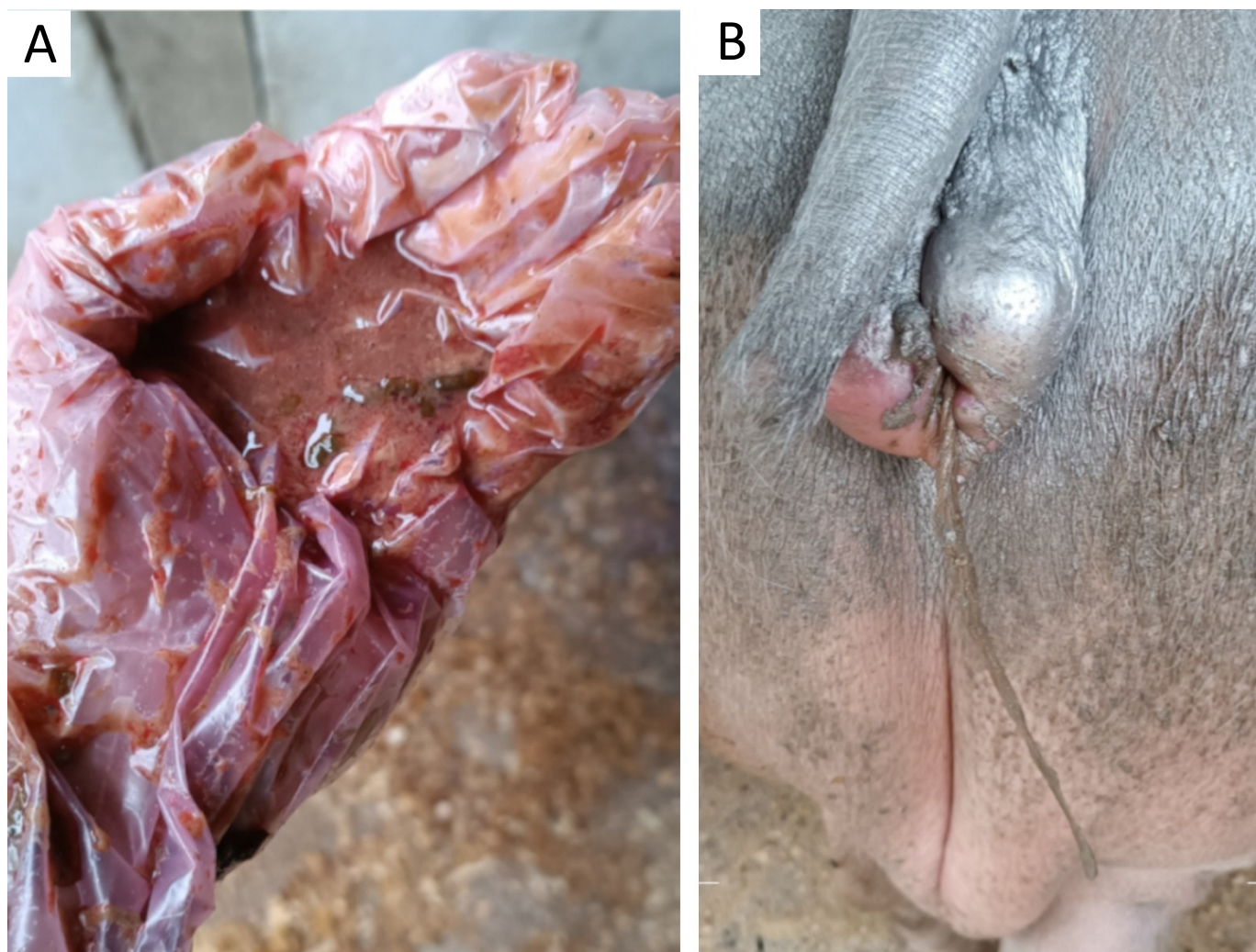


Figura 2. Distocia relacionada à inércia uterina primária em fêmea não-toxêmica. (A) Secreção amarronzada de odor pútrido observada no canal vaginal da porca no dia seguinte ao parto. (B) Restos de envoltórios fetais observados na rima vulvar da porca três dias após o parto.

Foi feita mais uma aplicação do antibiótico com anti-inflamatório associado utilizado anteriormente, seguindo a mesma dosagem e via de aplicação. Sete dias após o parto, a fêmea já apresentava comportamentos reativos normais e uma redução do tamanho vulvar, porém ainda com resquício de secreção observado na vulva. Foi realizada a terceira e última dose de antibiótico com anti-inflamatório associado, recebendo alta médica três dias após.

3 | Discussão

A presença de membrana himenal em suínos é rara, em que há a formação de uma pequena membrana circundando o canal vaginal na região entre a vagina e o vestibulo. Assim, quando presente, esta é facilmente rompida durante a cobertura ou parto em leitoas. Sua manutenção ocasionando distocia é pouco relatada na literatura, e, dos poucos

relatos existentes, não há a descrição da forma de apresentação desta membrana himenal persistente (Jackson, 2004; Cowart, 2007). Este é o primeiro relato de apresentação de membrana himenal em forma de septo ocasionando distocia em suínos.

Os poucos relatos na literatura de distocia em decorrência de persistência de hímen em suínos indicam como tratamento o rompimento manual, a secção ou a realização de cesariana (Jackson, 2004; Cowart, 2007). Considerando os riscos de lesão, bem como a complexidade cirúrgica, é sugerido optar prioritariamente pela secção do tecido, como realizado no primeiro caso relatado.

Apesar dos escassos relatos de ocorrência de distocia em suínos, as duas principais causas de distocia na espécie são inércia uterina e problemas de estática fetal (Jackson, 2004). Por ser uma fêmea politócica, a inércia uterina secundária é a causa mais recorrente em suínos estando relacionada à exaustão

de um parto prolongado ou laborioso (Jackson, 2004; Almond et al., 2006; Peltoniemi et al., 2019). Já a inércia primária em fêmeas não-toxêmicas ocorre em menor frequência e sua causa é ainda desconhecida, sendo sugerida uma relação com problemas hormonais como o aumento da relação progesterona:estradiol, deficiência na secreção de prostaglandina, ocitocina ou de seus receptores (Jackson, 2004; Peltoniemi et al., 2019). No caso relatado, apesar de se caracterizar como uma distocia por inércia uterina primária de uma fêmea não-toxêmica, a causa que levou a esta condição é desconhecida, podendo estar relacionada com fatores nutricionais, ambientais, como estresse térmico, ou até mesmo relacionado à uma gestação com baixo número de fetos a termo, uma vez que se trata de uma espécie politócica gerando rotineiramente aproximadamente 10 leitões por gestação.

Os fetos exercem papel fundamental no processo de parto, pois estimulam a liberação de cortisol, aumentando a síntese de prostaglandinas e estrógenos, contribuindo para a indução das contrações uterinas e da dilatação cervical (Senger, 2015). Além do que, sabe-se que o desencadeamento do parto em suínos é dependente da interação hormonal envolvendo principalmente a secreção de PGF_{2α} pelo endométrio e a consequente regressão do corpo lúteo, sendo um fator importante para a diminuição das concentrações de progesterona e início da contratilidade uterina (Gordon, 2004). Alterações em qualquer um desses mecanismos, sejam de origem materna ou fetal, podem comprometer a fisiologia do parto e predispor ao aparecimento de distocias, como observado no presente relato. Assim, embora a etiologia permaneça incerta, esses fatores são reconhecidos como possíveis influências no desencadeamento do parto em suínos, devendo ser considerados na investigação clínica de casos semelhantes.

O manejo de distocias relacionadas a inércia uterina em suínos de suinocultura industrial é sempre realizado de forma prática, com a tração manual ou aplicação de ocitocina (Straw et al., 2000; Jackson, 2004; Mellagi et al., 2007; Wentz et al., 2009; Peltoniemi et al., 2019), e com isso complicações obstétricas são pouco relatadas na literatura. Entretanto, em situações adversas, a cesariana, quando os fetos ainda estão vivos, ou eutanásia da fêmea, quando os fetos estão mortos, podem ser

recomendadas a depender do grau de comprometimento da fêmea e o custo-benefício dos procedimentos cirúrgicos e tratamentos (Jackson, 2004; Cowart, 2007; Lozier et al., 2021).

Como conduta para o segundo caso relatado, preconizou-se a manutenção da fêmea, por ser um sistema de criação semiextensiva (pequeno produtor) em um ambiente educacional, realizando o manejo clínico do animal. Segundo Jackson (2004), fêmeas suínas com fetos mortos não tracionáveis e não responsivas a agente ecbólicos podem ser manejadas da seguinte forma: aguardar um intervalo de aproximadamente 12 horas a fim de permitir que o feto migre pelo canal do parto e administração de antibioticoterapia e anti-inflamatório não-esteroidal no tratamento e prevenção da metrite, corroborando os procedimentos adotados no caso relatado.

Em resumo, apesar dos poucos relatos de distocia complexas em suínos, bem como procedimentos para sua resolução, uma vez que há uma baixa incidência em granjas suínas, os registros destes são de suma importância principalmente para veterinários que trabalham com pequenos produtores, os quais praticam uma suinocultura extensiva ou semiextensiva.

4 | Declaração de Conflito de Interesse

Os autores declaram não existir conflito de interesse.

5 | Agradecimentos

Os autores agradecem aos funcionários do setor de suinocultura do IFAM/CMZL pelo apoio no manejo e na condução das atividades.

6 | Referências

- Almond, G.W. et al. Diseases of the reproductive system. In: Straw, B.E.; Zimmerman, J.J.; D'Allaire, S.; Taylor D.J. (ed). **Diseases of swine**. 9th ed. Ames (IA): Blackwell, 2006. p.133-148.
- Cowart, R.P. Parturition and dystocia in swine. In: Youngquist, R.S.; Threlfall, W. (ed). **Large animal theriogenology**. Philadelphia: Saunders Ltd., 2007., p. 778-784.
- Gordon, I. **Reproductive technologies in farm animals**. London: CABI Publishing, 2004. 347p.
- Jackson, P.G.G. **Handbook of veterinary obstetrics**. 2nd ed. Philadelphia: Saunders Ltd., 2004. 274p.

Knox, R.V. Worldwide perspective for swine production and reproduction for the next 20 years. **Theriogenology**, 234: 24-33, 2025.

Lozier, J. W. et al. Complications and outcomes of swine that underwent cesarean section for resolution of dystocia: 110 cases (2013-2018). **Veterinary Surgery**, 50(1): 38-43, 2021.

Mellagi, A.P.G. et al. Procedimentos e consequências das intervenções manuais ao parto em suínos. **Acta Scientiae Veterinariae**, 35(supl.): S149-S156, 2007.

Peltoniemi, O.A.T.; Björkman, S.; Oliviero, C. Disorders of parturition and the puerperium in the gilt and sow. In: Noakes, D.E.; Parkinson, T.; England, G.C.W. (ed). **Veterinary reproduction and obstetrics**. 10th ed. China: Elsevier, 2019. p. 315-325.

Rocha, I.D.S. et al. Characterization of pig farming in Paraíba State, Brazil. **Research, Society and Development**, 12(5): e25012541647, 2023.

Santos, J.J.F. et al. Suinocultura de subsistência como alternativa de geração de renda no sertão Paraibano: um estudo de caso. **Revista Desafios**, 7(4): 96-105, 2020.

Senger, P.L. **Pathways to pregnancy and parturition**. 3rd ed. Washington: Current Conceptions, 2015. 381p.

Silva Filha, O.L. et al. Os produtores de suínos no município de Floresta, estado de Pernambuco, Brasil. **Actas Iberoamericanas de Conservación Animal**, 1: 416-418, 2011.

Straw, B.E.; Bush, E.J.; Dewey, C.E. Types and doses of injectable medications given to periparturient sows. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, 216: 510-515, 2000.

Wentz, I. et al. A importância do atendimento ao parto na melhoria da produtividade em suínos. **Acta Scientiae Veterinariae**, 37(Supl 1): s35-s47, 2009.